

CARLOS DE MELO VAI À ESCOLA

Enoque Bernardo Santos

Resumo

O presente artigo foi baseado em dois livros de José Lins do Rego, *Menino de Engenho e Doidinho*. O tema do artigo destaca as memórias de um menino na escola em Pilar e Itabaiana. O objetivo deste texto é refletir sobre a escola no interior da Paraíba nos anos 1910. A metodologia utilizada é a bibliográfica. O menino Carlos de Melo mora em um engenho do avô materno. No engenho ele tem liberdade de brincar e fazer estripulias. Vive sob os cuidados de suas tias. Ao ir para a escola na cidade de Pilar ele começa a perceber como é tratado diante das outras crianças. Saindo da escola em Pilar seus parentes tenta matriculá-lo no Diocesano da capital da Paraíba. Chegando ao Diocesano às matrículas estão encerradas e por esse motivo é matriculado no Instituto Nossa Senhora do Carmo, em Itabaiana-Paraíba. No estabelecimento de ensino de Itabaiana, o menino Carlos de Melo sofre na pele as consequências do seu atraso intelectual. Com o passar do tempo começa a descobrir novos lugares através das habilidades da leitura escrita. Também passa a enxergar que seu avô manda nos trabalhadores e moradores do engenho e o Professor Maciel no Instituto Nossa Senhora do Carmo.

Palavras-chaves: Escola, professor Maciel, Carlos de Melo.

Considerações iniciais

O escritor paraibano José Lins do Rego, membro da Academia Brasileira de Letras, dentre vários romances que escreveu, dois deles relata as memórias escolares de um menino no interior da Paraíba, nos anos de 1910. Os romances são do ciclo da cana de açúcar, *Menino de Engenho e Doidinho*. Esse menino é chamado de Carlos de Melo, o principal personagem dos romances citados. Carlos de Melo morava no Recife com os pais, no entanto, com a morte de sua mãe, causada pelo seu pai, ele foi levado para morar em um engenho em Pilar no Estado da Paraíba. O engenho pertence ao seu avô materno, o qual assumiu a responsabilidade em criá-lo, devido seu pai, ser considerado louco e ser internado em um hospital psiquiátrico.

No primeiro romance, denominado, **Menino de Engenho**, Carlos de Melo inicia seus estudos na cidade de Pilar e depois é enviado para estudar no Diocesano, um colégio particular dirigido pelos padres na capital da Paraíba. No segundo romance, batizado de **Doidinho**, retrata a chegada de Carlos de Melo ao Instituto Nossa Senhora do Carmo na cidade de Itabaiana na Paraíba. Ele foi estudar no citado estabelecimento, devido o Diocesano não ter mais vagas para alunos internos.

O objetivo deste texto é refletir sobre a escola no interior da Paraíba nos anos 1910. E a metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica. Gil (1991, p.48) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”.

Aprendendo as primeiras letras

Carlos de Melo ao chegar ao engenho de seu avô materno é recebido com alegria e no início fica sem jeito ao novo ambiente. E quando toma o primeiro banho no Rio Paraíba, que passa próximo ao engenho Santa Rosa, ele se torna “matuto” e o rio passa a ser o espaço predileto para brincar com os primos, os filhos dos trabalhadores e moradores do engenho. No rio eles brincam de diversas brincadeiras, sendo a mais citada a de “galinha gorda”. No entanto é proibido de tomar banho no rio e viver livre no engenho, devido, uma enfermidade que o acometeu. Com a proibição dos banhos no rio e nos pastos, o menino Carlos Melo fica afastado do mundo natural do qual ele gosta de viver e para compensar essa ociosidade a sua tia Maria se ocupa em ensinar-lhes as primeiras letras do alfabeto com a finalidade de prepará-lo para o início da escola primária.

Passava o dia a me ensinar as letras... ficava eu horas sentado na sala de costura, com a carta de á-bê—cê-dê na mão, enquanto por fora de casa ouvia o rumor da vida que não me deixavam levar. Era para mim, esta prisão, um martírio bem difícil de vencer. Os meus ouvidos e os meus olhos só sabiam ouvir ver o que andava pelo terreiro. E as letras me entravam na cabeça. Rego (2002, p. 46-47).

Pela citação acima vemos duas palavras que nos chamam atenção: as palavras prisão e martírio. Prisão porque devido à enfermidade que o acometeu ele foi privado de toda liberdade que o mesmo, tinha desde os primeiros dias da chegada ao Engenho Santa Rosa e martírio por ficar muito tempo em ter que memorizar todas as letras do alfabeto e as famílias silábicas, ensinadas pelo método da soletração. Tudo isso o

deixava agoniado, porque não conseguia memorizar tudo o que estava na Cartilha de ABC.

As aulas no engenho demoraram pouco, isto porque na cidade de Pilar havia chegado da capital paraibana um doutor chamado Figueiredo. Tudo indica que o mesmo colocou uma escola em sua residência. No Brasil desde a época do Império pessoas que sabiam ler, escrever e calcular tinha permissão de lecionar e receber o pagamento pela atividade docente do erário público. Assim, descreve Carlos de Melo sobre a sua ida a escola fora de sua casa. “Botaram-me para aprender as primeiras letras em casa dum doutor Figueiredo, que viera da capital passar tempos na vila do Pilar. Pela primeira vez eu ia ficar com gente estranha um dia inteiro”. (REGO, 2002, p.62)

Na escola desse doutor Figueiredo o que agradou ao menino Carlos de Melo foi o tratamento afetivo dado pela esposa do professor a ele. Carlos de Melo afirma que a mesma o tratava com carinho, como se fosse a sua mãe. Era um carinho diferente do que a sua tia Maria lhe dava. Com relação ao professor nada aprendeu. O que conseguiu aprender foi com a esposa do professor, a qual se chamava Judite. Vejamos como Carlos de Melo descreve o professor e a professora:

Tinha o meu mestre uma mulher morena e bonita, que me beijava todas as vezes que eu chegava, que me fazia as vontades:... ela sempre que me ensinava as letras debruçava-se por cima de mim. E os seus abraços e os seus beijos eram os mais quentes que já tinha recebido. (Rego (2002, p.62)

A escola é da responsabilidade do doutor Figueiredo, mas quem ensina é Judite. “O dr Figueiredo não parava no lugar. Só ficava quieto lendo os jornais e os livros, que tinha muito muitos pela mesa. A mulher era quem me ensinava, quem tomava conta de mim”. De acordo com Carlos de Melo na escola do doutor Figueiredo ele aprendeu as primeiras letras do alfabeto e afirma: “Foi ali com ela, sentindo o cheiro de seus cabelos pretos e a boa carícia de suas mãos morenas, que aprendi as letras do alfabeto”. (REGO, 2002 p.62-63).

A segunda escola frequentada por Carlos de Melo em Pilar foi à escola pública. A clientela dessa é formada por crianças carentes do Pilar. Nesta escola, Carlos de Melo é tratado com toda atenção em detrimento das outras crianças.

Depois mandaram-me para a aula dum professor, com outros meninos, todos de gente pobre. Havia para mim um regime de exceção. Não brigavam comigo. Existia um copo separado para eu beber água, e um tamborete de palhinha para “o neto do coronel Zé Paulino”. (REGO, 2002, p. 63)

A escola pública que Carlos de Melo começa a frequentar na cidade de Pilar é carente, como eram as escolas públicas do interior paraibano no início do século XX. Não havia ainda prédio apropriado para funcionamento primário. As escolas funcionavam na sala de uma casa na cidade ou até mesmo em um galpão de comércio. Não havia a mínima preocupação com o mobiliário e com a higiene. O método utilizado pelos professores era baseado na escola tradicional, onde os alunos apenas reproduziam o que os professores diziam.

Os outros meninos sentavam-se em caixões de gás. Lia-se a lição em voz alta. A tabuada era cantada em coro, com os pés balançando, num ritmo que ainda hoje tenho nos ouvidos. Nas sabatinas nunca levei um bolo, mas quando acertava, mandavam que desse nos meus competidores. Eu me sentia bem com todo esse regime de miséria. Os meninos não tinham raiva de mim. Muitos deles eram de moradores do engenho. Parece que ainda os vejo, com seus bauzinhos de flandres, voltando a pé para casa, a olharem para mim, de bolsa a tiracolo, na garupa do cavalo branco que me levava e trazia da escola. Rego (2002, p. 63)

O menino Carlos de Melo não tem apenas o professor que lhe ensina a ler, escrever e calcular. Tem também o professor de ensinar coisas relacionadas ao sexo. Esse professor é um trabalhador do Engenho Santa Rosa, encarregado de fazer os mandados do Coronel Zé Paulino. Ele também é responsável de levar e trazer o neto do coronel para a escola na cidade do Pilar e no meio do caminho ia fala de suas aventuras sexuais com as mulheres. Assim descreve Carlos de Melo na volta para casa montado na garupa do cavalo guiado por Zé Guedes:

O outro mestre que eu tive foi o Zé Guedes, meu primeiro professor de muita coisa ruim. Levava-me e trazia-me da escola todos os dias. E na meia hora que ficava com ele, de ida e volta, aprendi coisas mais fáceis de aprender que a tabuada e as letras. Contava-me tudo que era história de amor, sua e dos outros. Rego (2002, p.63)

A escola na cidade de Pilar não possuía estabelecimento de ensino com condições suficientes para a formação de Carlos de Melo e o avô dele decide que a próxima instituição do neto, a qual ele vai estudar, é o Colégio Diocesano na capital da Paraíba. Esse colégio funcionava com internato, onde o menino Carlos de Melo passaria o ano todo estudando e viria para o engenho de tempos em tempos, apenas para passar as férias e depois voltar para o colégio para estudar e posteriormente se formar em doutor. Ter um parente formado era o grande prazer do coronel Zé Paulino, já que o seu filho Juca, não havia se interessado pelas ciências jurídicas e agora no neto viria seu sonho realizado.

Carlos de Melo vai estudar no colégio dos padres corrompido pelo sexo precoce. Começa a vida sexual cedo, onde até adquiriu doenças venéreas e aquilo para os grandes do engenho é considerado natural. Dessa forma Carlos de Melo descreve sua partida do engenho para o Diocesano a capital paraibana:

Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que meu corpo. Aquele Sergio, de Raul Pompéia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio (REGO, 2002, p.149)

Da escola em Pilar para o Instituto Nossa Carmo em Itabaiana

Ao chegar ao Diocesano às matrículas estão encerradas e Carlos de Melo volta para o Engenho Santa Rosa, em Pilar. O coronel José Paulino fica preocupado porque não quer que o neto fique solto na bagaceira sem estudar e depois de ouvir os conselhos de sua filha Maria e de seu filho Juca, chega a uma conclusão que o melhor é matricular Carlos de Melo no colégio do professor Maciel na cidade de Itabaiana-Paraíba. Nesse internato ele fica interno igualmente no Diocesano e vai para o engenho no período das férias.

- Pode deixar o menino sem cuidados. Aqui eles endireitam, saem feitos gente – dizia um velho alto e magro para o meu tio Juca, que me levava para o colégio de Itabaiana. Estávamos na sala de visitas. Eu, encolhido numa cadeira, todo enfiado para um canto, o meu tio Juca e o mestre. Queria este saber da minha idade, do meu adiantamento. O meu tio informava de tudo: 12

anos, segundo livro de Felisberto de Carvalho, tabuada de multiplicar. (REGO, 2004, p.29)

O colégio do professor Maciel na cidade de Itabaiana era conhecido nas adjacências como um estabelecimento de ensino com disciplina, onde os meninos tinham como diretor um professor com mais de quarenta anos de magistério.

O colégio de Itabaiana criara fama pelo seu rigorismo. Era uma espécie de último recurso para meninos sem jeito. O diocesano não me aceitara porque estava de matrícula encerrada. Lembram-se do colégio do seu Maciel, como era conhecido nos arredores o Instituto Nossa Senhora do Carmo. Lá estiveram os meus primos uns dois anos. Voltaram contando as mais terríveis histórias do diretor. Um judeu. Dava sem pena de palmatória, por qualquer coisa. Era ali onde estava agora. (REGO, 2008, p.30)

Nesse estabelecimento de ensino, Carlos de Melo começa a sua nova fase da vida. Enquanto no engenho e na escola do Pilar todos fazem seus gostos, no Instituto Nossa Senhora do Carmo tudo é diferente. No seu novo ambiente onde passa a viver ele tem que arrumar sua cama e ficar sob as ordens de um desconhecido, que além de seu professor irá ser seu algoz.

O primeiro momento de que sua vida começa a mudar é quando Carlos de Melo é chamado por um dos meninos internos que o Professor Maciel está chamando para o jantar:

Estavam chamando para o jantar. Descemos uma escada para a sala de refeições. Uma mesa grande para todos. O seu Maciel na cabeceira, D.Emília e o pai dela de lado, e a negra Paula servindo. Quando me botaram o prato de feijão, recusei: - não gosto de feijão. - pois é o que o senhor tem de comer aqui todos os dias. Engoli, com um só na garganta, a minha primeira bóia de prisioneiro. - se o senhor quiser escolher comidas, vá para o hotel. (REGO, 2008, p.32)

Carlos de Melo a partir da situação da hora do jantar começa a perceber que ali não adianta ser neto do coronel José Paulino. Ele é tratado igualmente a todos os meninos que ali estão internados. Não tem mais os mimos e cuidados que tinha na escola do Pilar. Todos ali matriculados são tratados de forma igual. Ele agora tem que obedecer ao novo senhor. Se no engenho tudo concorria para ele, no Instituto Nossa Senhora do Carmo, quem manda é o professor Maciel. O avô de Carlos de Melo manda no Engenho Santa Rosa, nos seus trabalhadores e moradores do engenho. Sendo assim, Carlos de Melo, começa a enxergar o mundo de outra forma. O mundo não se resume apenas ao engenho. O mundo tem outros mandatários. Em Itabaiana quem manda no

Instituto Nossa Senhora do Carmo é o diretor. Se os pais não quisessem que o Professor Maciel mandasse nos meninos que procurasse outro estabelecimento de ensino. E assim, que os pais matriculavam um menino no Instituto Nossa Senhora de Carmo, o diretor avisava que fazia uso da palmatória.

O Instituto Nossa Senhora do Carmo funciona como moradia. Nele residia a família do professor Maciel e a empregada Paula. Quando os meninos acordam e passam pelo professor aperta-lhe a mão e dar bom dia. Depois tomam o café da manhã e se dirigem para a sala de aula. Ao chegar à sala o professor começa a ouvir o “decurião”, o qual lia o relatório de tudo que ocorrera na noite anterior, quando os meninos saíam para passear na rua principal de Itabaiana. O decurião lia tudo sobre os meninos e o professor prometia tomar as providências em outro momento. Lido o relatório pelo decurião, vinha à primeira atividade didática do dia: a tomada da leitura pelo professor.

Nesse tempo o professor chamava aluno por aluno para tomar a lição. O aluno tinha por obrigação saber todo texto de “cor”, para ler em voz alta para o mestre e caso não lesse corretamente tomava “bolos”. Na escola do Pilar ele não levava “bolo”, no entanto no colégio do professor Maciel, não adianta, a regra serve para todos.

Na primeira tomada de leitura de um texto, Carlos de Melo não consegue ler com entonação e recebe uma repreensão: “É um cúmulo – gritava o velho – deixar-se um menino deste tamanho sem saber nada. Só bicho se cria assim. Por que está o senhor chorando? Volte para o seu canto. Mais tarde vou lhe tomar a lição outra vez.” Rego (2008, p.37).

Todos os alunos deveriam saber ler o texto todo. O aluno tinha que ler corretamente e sem gaguejar. Para isso, os alunos antes de ir ao professor treina a leitura do texto. Memoriza palavra por palavra e se por acaso não soubesse ia para o bolo.

De tarde fui tomar minha lição... Errei a lição toda. Sabia quase que decorada... O medo, no entanto, fazia a minha memória correr demais; e saltava as linhas. – leia devagar. Para que essa pressa? Foi pior. A língua não me ajudava. Quando vi foi ele com a palmatória na mão. Apanhava no primeiro dia, e fora tudo num instante, nem sei como. (REGO,2004, p.39).

Conclusão

A vivência do menino Carlos de Melo no Instituto Nossa Senhora em Carmo em Itabaiana é controlada pelo diretor Francisco Lauro Maciel Monteiro. Um professor que utiliza a metodologia de ensino tradicional e que todos tem que aprender a todo custo a ler, escrever e calcular. É um professor rígido. Esse comportamento do professor demonstra que numa educação tradicional o principal personagem na escola é o professor, o aluno é apenas um receptor de conteúdos e que a prova que havia aprendizagem era o aluno conseguir memorizar os conteúdos repassados pelos professores. Não havia diálogo, debate, discussão, apenas a fala do professor, onde os alunos deveriam assimilar as orientações e colocá-las em práticas.

O que chama a atenção nos dois romances é a presença da mulher enquanto professora. Ela é representada pela tia Maria, que ensina as primeiras letras do alfabeto, com a Cartilha de ABC, Judite, esposa do dr Figueiredo, a quem Carlos de Melo se apegou, devido o tratamento dado por ela a ele. A outra professora é a mulher do professor Maciel, Dona Emília, a qual é a responsável pela sala dos pequenos no Instituto Nossa Senhora do Carmo. A dona Marieta, que passa a dar aula de catecismo aos meninos e meninas matriculados no estabelecimento de ensino citado.

Fazendo uma análise da presença dessas mulheres como professoras nos romances *Menino de Engenho* e *Doidinho*, elas são apresentadas por José Lins do Rego, sem praticar castigo corporal ou psicológico nas crianças que ali estudavam, enquanto a presença masculina é temida pelos alunos. No entanto, essas mulheres são citadas sem muito destaque. Essa falta de destaque dá para concluir que a participação da mulher no magistério era incipiente e que o homem ainda era quem se destacava no magistério.

Referências

REGO, José Lins do, 1901-1957. *Menino de Engenho*. 96^aed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

REGO, José Lins do, 1901-1957. *Doidinho*: romance. 40^aed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

GIL, Antonio Carlos, 1991 – *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3^a Ed. São Paulo: Atlas.

SOUZA, Rosa Fátima de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX* (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo, Cortez, 2008 (Biblioteca Básica da história da educação brasileira, v 2)